



Veras entrevista Yves de La Taille

Mais princípios e menos regras na escola

“O grande conceito que deveria ser muito trabalhado na escola é o conceito de verdade. Hoje o que impera é opinião, não é a verdade”, afirma Yves de La Taille, um pensador das questões morais e éticas – que, por sinal, nesta mesma entrevista faz questão de distinguir uma da outra, mesmo que essas palavras costumem caminhar lado a lado. Autor de dezenas de livros e artigos acadêmicos sobre a formação moral e suas interfaces com o ambiente escolar, o professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), especialista em psicologia do desenvolvimento, defende a necessidade de os profissionais da educação trabalharem, preferencialmente



de forma transversal, o conceito de verdade. E exemplifica com o estudo histórico do nazismo – que precisa ser compreendido a partir dos documentos e testemunhos que produziu, até como forma de enfrentamento diante do seu ressurgimento em grupos neofascistas, inclusive nas escolas.

A entrevista foi realizada semanas após o conturbado mês de março de 2023 em que ataques e ameaças de bombas em escolas provocaram uma onda de medo entre estudantes, pais e trabalhadores da educação, e também uma avalanche de propostas, algumas com potencial de trazer ainda mais a violência para o interior das escolas. Para o autor de *Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas* (Artmed, Prêmio Jabuti em 2007) e *Humor e tristeza: o direito de rir* (Papyrus, 2014), entre outros livros (o mais recente se chama *Paisagens da Solidão*, publicado em 2020 pela Adonis), as escolas precisam assumir, como tarefa institucional, o combate à violência, especialmente na forma de *bullying*. Para isso, recomenda, seria melhor trabalhar mais com princípios, que devem ser claros e aceitos por todos, do que com regras. E sugere um combinado coletivo, inspirado na libertária escola Summerhill, que deveria ser feito em toda escola a cada início de ano. Saiba qual é esse combinado, entre outros assuntos, na entrevista a seguir.

Veras: *Eu gostaria de começar com uma informação que há no seu livro Formação Ética: do tédio ao respeito de si (Artmed, 2009), de que na metade do século XX se reverteu uma série estatística histórica em relação ao suicídio de jovens, que triplicou em relação à média dos adultos. Existiria, na sua opinião, algum mal-estar mais específico na juventude no mundo contemporâneo?*

Yves de La Taille: Acho que sim, mas eu não saberia te dizer especificamente sobre um mal-estar da juventude, por falta de dados a respeito. O que eu diria é que existe um mal-estar na cultura em geral, nos adultos também, tanto que chamei isso de “cultura do tédio”, mas, certamente, existindo esse mal-estar no mundo em geral, evidentemente isso se aplica aos jovens. Eu acrescentaria que os jovens de hoje muitas vezes estão confrontados com um panorama diferente de quando eu era jovem. É a falta de perspectiva, entram aí também ecologia, o aquecimento climático, com todas as consequências que a gente já vem observando, o emprego e os diplomas desvalorizados, enfim, há uma série de temas que fazem com



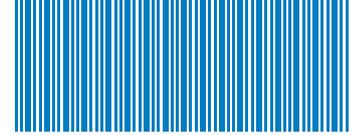
que a juventude esteja sem muitas perspectivas. Esse é um dos grandes problemas da cultura ocidental, pois não vou falar da cultura asiática, que não conheço.

Veras: *Nós recentemente tivemos uma série de ataques a escolas públicas no Brasil. O que o Sr. diria sobre esses eventos, que chegaram a provocar o fechamento de escolas em abril de 2023?*

Yves de La Taille: A natureza desses eventos é de matanças suicidas, não é matar ou morrer, é matar e morrer. Ou seja, são crimes que no fundo não têm sentido.

Veras: *O Sr. já comentou sobre a necessidade de haver discussões sobre moral e ética nas escolas. Seria o caso de haver uma disciplina mais específica sobre isso, como havia a de Educação Moral e Cívica nos anos 1970? Seria essa uma forma de se prevenir conflitos futuros?*

Yves de La Taille: Não. Vou contextualizar historicamente para dar essa resposta. Em 1997, portanto no final do século passado, foram lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Esse é um documento com temas como meio ambiente, sexualidade, saúde, além das disciplinas normais, como Matemática, Português, Ciências etc. Nos PCN havia também um documento chamado Ética, que tratava exatamente da sua pergunta: como trabalhar a questão moral nas escolas? Então, sobre a disciplina de Educação Moral e Cívica, primeiramente, ela nasceu de uma intenção ditatorial, não nos esqueçamos dos seus mentores [*os ministros de Educação do período ditatorial vigente entre 1964 e 1985*]. Mas, por outro lado, é a mesma coisa que você querer ensinar matemática com uma aula apenas na quinta série. Tem que ser uma coisa contínua. E o que o documento sobre Ética dos Parâmetros coloca é justamente a necessidade de haver um trabalho contínuo sobre o tema da ética, da primeira série do Ensino Fundamental até a faculdade, inclusive, sendo prioritariamente tratada com a chamada transversalidade, ou seja, não precisa haver uma aula específica, embora ela possa existir. O tema teria que existir em todos os anos, não apenas no terceiro, no quarto e no quinto ano do Ensino Fundamental, e no terceiro ano do Ensino Médio. É um trabalho contínuo e transversal, porque a ética tem a ver com política, tem a ver com História, tem a ver com Geografia, tem que a ver com Biologia, com tudo. Essa era a proposta que



foi publicada em 1997 e foi enterrada pelo primeiro governo Lula. E não se colocou nada no lugar.

Veras: *Na sua opinião, os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Ética deveriam ter sido adotados?*

Yves de La Taille: Acho que essa proposta ainda tem muitas coisas boas que poderiam ser resgatadas. Agora, respondendo a tua pergunta minimamente, não é um curso de moral que vai resolver, porque é uma coisa contínua; e a construção moral e ética é bastante complexa e, portanto, lenta. Mas que tem que ter na educação uma estratégia para se trabalhar com essa questão, tem que ter.

Veras: *Mas a resposta das escolas costuma ser esporádica e quase sempre está relacionada a algum evento trágico que mobiliza a atenção por um tempo e depois é esquecido. Será que isso acontece porque não há nenhum professor que tome essa função para si? Pensando nisso, qual seria o perfil ideal de professor para trabalhar questões como a ética e o respeito aos direitos humanos?*

Yves de La Taille: Acho que essa é uma função da instituição. É claro que o professor de Filosofia, pensando no Ensino Médio, se for um bom professor, inevitavelmente vai abordar a questão ética, pois não há nenhuma época na filosofia em que o tema da ética não tenha sido abordado. Platão, Aristóteles, Rousseau, Kant, Nietzsche (do jeito dele) e vários outros pensadores escreveram sobre isso. É claro que um professor de Filosofia pode ajudar muito, notadamente se abordar a história da moral, que é muito bonita e pungente. Mas é um trabalho da escola. Por isso a ideia da transversalidade. Se eu sou professor de Matemática, então vou ensinar matemática, e Geografia deixo para o meu colega. No caso da moral e da ética essa fronteira não existe. E tem também uma outra dimensão aí, e que tem a ver com a função da educação: é que uma aula sobre moral não pode ser sobre a moral específica daquele professor. Que moral se vai ensinar? A pessoa pode ser homofóbica, então ela vai passar a moral dela, e isso não pode. Por isso a proposta dos parâmetros tinha conteúdos específicos, que falavam de respeito de si, de justiça e de solidariedade. São esses os conteúdos a serem ministrados, não é da cabeça do professor, porque daí é muito perigoso, vai saber que tipo de recado ele



vai passar... Tem que ser uma coisa institucional, e não só da escola, mas do próprio Ministério da Educação.

Veras: *Na sua opinião, os PCN sobre Ética deveriam ser revisitados e aplicados na escola?*

Yves de La Taille: Eu seria prudente. Num primeiro momento sugiro que sejam revisitados. Eles foram publicados em 1997, a sociedade mudou. Por exemplo, as redes sociais, a gente nem sabia que isso existiria, e a internet estava nos seus primórdios naquela época. Então, seria bom revisita-los. O que acho um absurdo é haver uma proposta complexa, centenas de páginas feitas, da qual eu participei, com muito carinho, e que foi abandonada. Acho uma pena a gente deixar esse trabalho desconhecido. Os educadores, pelo menos os mais novos, nem sabem que existe essa proposta. Talvez de maneira um pouco otimista, penso que se os Parâmetros Curriculares, notadamente os de Ética, tivessem sido minimamente aplicados, talvez a gente tivesse hoje menos problemas de violência e de desrespeito nas escolas. Mas, é claro, não podemos ser reducionistas, há uma sociedade inteira por trás disso.

Veras: *O Sr. citou o surgimento das mídias sociais, que não existiam na época em que foram criados os PCN sobre Ética. Eu queria usar esse fenômeno e observá-lo sob a ótica da diferença entre o turista e o viajante, fazendo uso de uma metáfora usada por Baumann, e que o Sr. menciona em seu livro Formação Ética. Comparando o peregrino com o turista, o Sr. considera que o comportamento do homem contemporâneo tem muito mais a ver com o turista, que é aquele que faz da viagem um ato de consumo, do que com o peregrino, que faz da viagem um ato de autoconhecimento? As mídias sociais incentivariam o comportamento típico do turista?*

Yves de La Taille: Você colocou bem a definição usada pelo Baumann e que aproveito no meu livro. O turista é o momento. Ele passa 24 horas em Paris e são momentos, enquanto o peregrino não vive só um momento. Se ele vai à Paris, ele se integra à cidade, para ele é também importante a viagem. Para o turista, o deslocamento é negado; por isso ele prefere ir de avião, que é mais rápido. O turista não vê paisagem. É claro que eu não falo em redes sociais no meu livro, que é anterior a elas, e também não participo de redes sociais; então, não sou

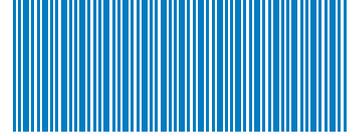


um bom interlocutor para falar disso porque estou fora desse mundo voluntariamente, mas me dá a impressão de que, sim, as redes sociais são um comportamento típico de turista. São mensagens curtas que aparecem e desaparecem. Além do mais, nas redes sociais, pelo que eu leio, há outro comportamento tipicamente do turista. O turista gosta de ir aos lugares famosos. Então, eu vou até pra Paris, eu vou para Salvador, vou para onde todo mundo vai. E nas redes sociais parece que as pessoas só conversam quando concordam entre si. É como se as redes sociais fossem uma espécie de cardápio turístico, indicando os lugares mais importantes para onde se ir. Então sim, acho que essa ideia de imediatismo, quer dizer, o amanhã não existe, o que interessa é o aqui e agora, as redes sociais parecem funcionar como o amplificador disso. Elas não criaram o imediatismo, tanto que falo disso num livro que é anterior às redes sociais, mas elas amplificam de maneira dramática.

Veras: *Esse pânico [os ataques e ameaças a escolas em abril de 2023, que geraram uma onda de boatos e fechamento de unidades] que levou ao policiamento ostensivo e a propostas de lei que preveem colocar câmara de vigilância nas escolas, revista nos alunos e coisas assim, não teria sido amplificado pela boataria que se espalhou nas redes sociais?*

Yves de La Taille: Imagino que sim. Daí, voltando à questão do policiamento, claro, policiamento deve haver em qualquer lugar, é uma questão de segurança, mas eu insisto num ponto: essas pessoas que cometem esses crimes são suicidas. Então, não é uma câmara ou policiamento que vai resolver; pode até piorar. “Olha, tem câmara, tem policiamento, e mesmo assim eu vou conseguir”. Lógico que é uma hipótese, mas pode acontecer; para alguns, isso pode ser um desafio a mais. Achar que esse é o problema é tampar os olhos, porque o problema está no mal-estar na cultura, não está num bando de loucos que resolvem matar pessoas e que colocando um policial bem intencionado vai se conseguir resolver. Talvez ele seja o primeiro a morrer.

Veras: *O Sr. também comenta sobre a diferença entre princípio e regra no livro Indisciplina/Disciplina: ética, moral e ação do professor. E diz que a escola é o império da regra. Como poderia ser uma escola regida mais por princípios do que por regras?*



Yves de La Taille: Eu vou dar um exemplo. Existe aquela famosa escola Summerhill, na Inglaterra, do começo do século XX [fundada em 1921], que ficou famosa porque as regras de convívio eram estabelecidas pelos próprios alunos, professores e funcionários; ou seja, pela comunidade escolar. E essa escola tinha apenas dois princípios, unificados num só: “Aqui não se pode fazer mal a si próprio nem aos outros. Só entra aqui quem concorda com esse princípio”. O texto é mais bonito que isso, mas a ideia é basicamente essa. Agora, como é que isso, que é um princípio, se comporta na prática? Aí vêm as regras. Há um exemplo dessa mesma escola, de um menino que roubou a bicicleta do outro e descobriram o roubo. O que fizeram com esse menino? Escutaram o menino, quiseram saber: “Por que você roubou a bicicleta?”. E chegaram à conclusão de que era melhor fazer uma vaquinha e dar uma bicicleta para ele. Foi a regra, o jeito encontrado naquela situação para se lidar com a transgressão. Vou dar um outro exemplo, agora puramente hipotético: há um grande problema nas escolas que é o *bullying*. Eu acho que falta na maioria das escolas, se não em todas, chegar para turma no começo do ano e dizer a todos os alunos esse mesmo princípio da Summerhill: “Olha, causar mal-estar ou dor a alguma pessoa não pode. Isso aqui é intolerável”. Bom, agora vamos discutir o que é “causar dor pra uma outra pessoa”, vamos pensar e chegar a regras. Piada pode? Talvez sim, mas o *bullying* geralmente começa com uma piada que é repetida e pode ser muito humilhante. Então, eu acho que, em geral, a escola tem muitas regras, sim. Eu me lembro de um colégio, cujo nome não vou citar, muito bom por sinal, que fez um código de ética, e uma das regras era que não pode beijar na escola. Aí eu perguntei: por quê? Qual que é o problema? Aí me explicaram que naquela escola convivem crianças bem pequenas e adolescentes no mesmo lugar, e para as crianças pequenininhas talvez não fosse muito saudável presenciarem expressões eróticas entre os maiores. “Ah, entendi. Mas isso tem que ser explicitado”, eu comentei. A regra em si é burra, parece moralista. Então, pode-se colocar como princípio que não se pode ferir a sensibilidade dos outros, sei lá... Mas, em geral, a escola tem muita regra e os princípios que estão por trás das regras não são explicitados e, às vezes, acho que não são conhecidos nem pela própria escola.

Veras: *Ou seja, a própria escola não para para pensar quais são os seus princípios, é isso?*



Yves de La Taille: Exatamente. Fica muito no marketing, “aqui a gente cria cidadãos, cria autonomia”. Mas o que é cidadania realmente? O que é “criar autonomia”? Eu acho que a própria escola se contenta com regras [*em vez de princípios*], aliás, como a sociedade em geral.

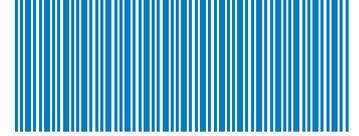
Veras: *O senhor também fala que a escola deve enfrentar a indisciplina tentando substituir a culpa pela responsabilidade. Poderia explicar melhor como seria isso, por exemplo, num evento relacionado a uma situação de bullying?*

Yves de La Taille: Aí você entra numa área pedagógica, educacional, que não é muito a minha, sou um pesquisador mais teórico dessa questão. Mas, sobre a responsabilidade, é preciso falar duas coisas. Primeiro, deixar claro que isso é um princípio, não é uma regra. Nós somos responsáveis pelo que fazemos. Claro que, dependendo da idade, isso é relativizado, mas, em linhas gerais, nós somos responsáveis pelo que fazemos. Segunda coisa: responsáveis do quê? Aí falta conteúdo. Voltando ao exemplo do *bullying*: acho que muita criança e adolescente, no fundo, não sabe as consequências terríveis que uma humilhação pode ter. Eu trabalho isso exatamente em outro livro meu, sobre humor e tristeza. Há muita gente que pensa que uma piada é só uma piada, se faz rir está bom. Há um vídeo que eu cito no livro, onde diversos humoristas brasileiros, na maioria jovens, comentam que não sentem responsabilidade social nenhuma [*na profissão de humorista*]. “Se é engraçado, tá bom”. E não veem que o humor pode ser uma grande arma para machucar e humilhar pessoas. É preciso pensar em conteúdos. A responsabilidade é um princípio, tudo que você faz tem responsabilidade, não vem dizer “ah, era só brincadeira”, porque isso não exime ninguém da responsabilidade. O humor é um belo tema moral e ético para se trabalhar com as crianças e com os adolescentes. A televisão está cheia de humor, agora há os *stand-ups*, o YouTube está cheio de humor, humor muitas vezes entre aspas eu diria.

Veras: *Essa questão de responsabilização é muito também a visão de que parece que aquela escola não pertence ao menino, então ela pode ser depredada, enquanto o celular não, esse tem dono.*



Yves de La Taille: Sim. Eu diria duas coisas nesse caso. Primeira: existe uma ideia que se traduz pela privatização do público. O celular é meu, a televisão é minha, a bola do futebol é minha, mas a escola é de ninguém. Em vez de ser pensado que ela é de todos, se pensa que é de ninguém. Se é de todos, é de ninguém. Eu lá sou um consumidor, vocês me ensinam, se eu gostar está ótimo, se eu não gostar está péssimo, mas não vejo isso como patrimônio público. Esse é um ponto. Agora o outro ponto, e que me parece muito relevante hoje em dia, é a questão da memória. Por exemplo, pega o vandalismo do 8 de janeiro [de 2023], em Brasília. Aquilo foi um ataque à memória. Uma coisa é destruir uma cadeira, que era bonita, mas você faz outra igual; outra coisa é destruir um quadro, um relógio dado pelo Luiz XIV, e trazido pelo D. João VI para o Brasil, uma relíquia... Hoje em dia a memória não é preservada, não é ensinada. E ainda é maltratada, e de três formas: uma, por não ser valorizada. Duas, porque a mentira é inimiga da memória, e esse é um tema que está sendo debatido no Congresso. A memória é o amor à verdade, ao que se passou. Por mais que existam as interpretações, evidentemente que há, é o amor à verdade que sustenta a memória. O grande conceito, que eu acho que deveria ser muito trabalhado na escola hoje em dia, é o conceito de verdade. Hoje o que impera é opinião, não é a verdade. Muitas vezes em educação, e é uma coisa que eu não gosto, se faz uma rodinha de alunos e vamos discutir e cada um dá a sua opinião. Isso é muito fraco, além de dar a impressão de que a opinião de um é igual à opinião de outro. Inclusive, opinião pode mudar de um dia para o outro. Outra coisa que eu acrescentaria é esse revisionismo estranho, que, por exemplo, pune obras como do Monteiro Lobato por partes que seriam racistas. Ou agora, em função da invasão da Rússia à Ucrânia, não sei em que lugar que se decretou: agora aqui não se lê mais Tolstói, nem Dostoiévski, não se escuta mais Tchaikovsky, porque são russos. Isso é um absurdo! São obras do passado que, se eram racistas, no caso do Monteiro Lobato, você situa aquilo. Então, voltando à tua pergunta inicial, acho que existe, sim, desprezo pelo patrimônio público, mas também desprezo pela memória. Você depredar uma escola, principalmente se for uma escola pública, é você depredar um patrimônio do Brasil. E pensar em quantos esforços foram feitos para se criar a escola pública. E quando você vê pessoas chamando Paulo Freire de “energúmeno”, de novo é a falta de memória. Você pode não concordar com ele, mas ele é uma pessoa



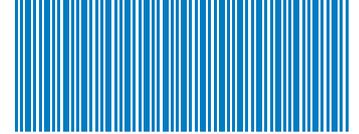
extremamente importante para a história da educação. Por mais que você discorde do seu método de alfabetização, ou das posições ideológicas e políticas dele. Assim como tirar trechos do Monteiro Lobato, como estão fazendo em algumas edições atuais, é falta de memória. Isso também está acontecendo com outras obras, em outros países. As pessoas se espantam, mas se você mata a memória, se você mata a história, como quer que as pessoas tenham amor pela verdade? Não, fica tudo só no aqui e agora.

Veras: *O que o Sr. está me dizendo é que para se trabalhar a questão da verdade na escola deveria se começar pela memória? Poderia ser esse um caminho?*

Yves de La Taille. Sim, por exemplo, pegue o nazismo. O que provocou o surgimento do nazismo? Há documentos, e é importante se falar sobre isso, até porque o nazismo está voltando. Na verdade, isso tem a ver com memória, sem dúvida nenhuma. A área humana que mais trabalha com a memória é a ciência. Ciência é pura memória, porque você leva em conta o que foi descoberto há décadas, há séculos, ou, por outro lado, há dias. Como é que se fizeram as vacinas contra a covid? Pura memória! Imagina toda memória científica e biológica mobilizada para se chegar a essas vacinas que, quero crer, salvaram boa parte da humanidade. E nas ciências humanas, especialmente às ligadas ao pensamento, é importante se trabalhar a memória, e também o conceito de verdade, que é provisório. O que não significa o mesmo que ser descartável.

Veras: *O Sr. acha que deveria existir a função do psicólogo escolar?*

Yves de La Taille: Ótima a tua pergunta. Eu acho que sim. Acho que toda escola deveria ter um psicólogo. Mas não um psicólogo apenas formado em Psicologia, e sim um psicólogo refletindo sobre a área educacional. Só que isso não basta para se combater a violência. É a escola como um todo, como instituição, que tem que combater a violência. Senão, o meu medo é patologizar, ver a violência como um problema patológico. Ou seja, uma pessoa normal não é violenta, e isso não é verdade, porque a nossa sociedade é muito patológica, veja quanto feminicídio, quanto terrorismo, o ataque às escolas é muito frequente... Então, haver um psicólogo na escola, acho que sim, é bom, mas colocar nos ombros dele a prevenção



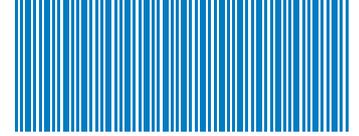
à violência, seja ela verbal ou física, não, isso é um trabalho da instituição. Ele participaria, mas não ficaria nos ombros dele. Senão, seria como voltar às aulas de Moral e Cívica, quando se colocava numa matéria só e num só professor a responsabilidade de algo que evidentemente transcende, e muito, a sala de aula.

Veras: *Pode-se dizer que o aluno indisciplinado ou violento é muito mais um sintoma do que causa da violência?*

Yves de La Taille: Sim, o aluno violento é um sintoma, sem dúvida. Cuidado com a palavra sintoma, porque ela pode, às vezes, desculpar a violência, mas sim, é um sintoma. Mas continuo dizendo: cuidado para não patologizar a violência. É um sintoma que pode sinalizar a falta de uma educação ética e moral mais efetiva. Quando falo para se ter cuidado com a palavra sintoma é porque ela é usada em quadros patológicos. E pode haver patologias relacionadas à violência, mas existe um mal-estar social que não pode ser colocado no campo da psiquiatria. Ter um psicólogo numa escola, que possa ajudar a tratar os problemas afetivos dos alunos, que têm que ser tratados, sem dúvida nenhuma, acho ótimo. Mas atribuir a ele a erradicação da violência, do *bullying*, e esperar que ele possa ser um patrocinador de mudanças, não. Ele pode participar, mas ser responsável não.

Veras: *Os atos de vandalismo contra um patrimônio público como a escola também poderiam ser creditados à falta de sentido e ao tédio que muitos jovens, especialmente os do Ensino Médio, reclamam com relação à escola? Lembrando que esse nível tem as mais altas taxas de evasão escolar...*

Yves de La Taille: Ah, sem dúvida. Mas a escola é uma instituição no meio de uma sociedade. Então, nela acabam aparecendo as qualidades e os defeitos de uma sociedade. Por isso, não dá para colocar toda a culpa ou todo o mérito na escola se as coisas derem certo ou errado. Ela faz parte de um mundo que a transcende, evidentemente. Mas ela tem o seu papel e, voltando ao tédio, já que você pronunciou essa palavra, eu acho que a escola, pelo menos essa foi a minha experiência até no terceiro grau, comete um erro, e já falei isso várias vezes e já escrevi sobre isto: a escola ensina as respostas, mas não ensina as perguntas. E o que dá sentido às respostas é a pergunta. Tipicamente o professor (vou dar um exemplo da minha área,



eu dava aula de Psicologia do Desenvolvimento) chega e, se vai ensinar Piaget, Wallon ou Vigotsky, pega e apresenta a teoria. “Essas pessoas dizem que...” e pronto, descarrega toda a teoria dos pensadores que resolve ensinar. Eu nunca fazia isso. Tomemos o exemplo de Piaget. Qual era a pergunta dele? Como é que o sujeito interage com o objeto. Se você pegar o Vigotsky, a pergunta era a mesma, e é por isso que muita gente faz a aproximação entre esses dois teóricos. As respostas não foram as mesmas, mas as perguntas eram parecidas. A escola peca por não ensinar as perguntas. E há exemplos tão bonitos. Pega o Newton. Diz a lenda que ele viu uma maçã cair porque estava deitado embaixo de uma macieira. E nisso ele se perguntou: por que ela caiu? Ninguém se pergunta isso, a maçã cai e pronto. Ele está olhando para a Lua (daí sou eu especulando e essa história até daria um conto) e se pergunta: “Será que não é a mesma coisa que faz com que essa maçã caia e a Lua aparentemente não caia? Será que existe essa relação?”. E essa é a Teoria da Gravitação. O que explica a Lua girar em torno da Terra e a maçã cair é a mesma lei. E ela nasceu desta pergunta: “Será que não é a mesma coisa?”. Por mais louca que pudesse parecer num primeiro momento. Acho que a escola muitas vezes, pelo menos na minha experiência de aluno, não ensina as perguntas, só ensina as respostas. E a resposta sem a pergunta não faz sentido.

Veras: *Em vez de estimular que o aluno persiga aquela mesma dúvida, e daí veja o sentido que aquilo tem, já se traz a explicação. Seria uma dificuldade do professor de suportar a dúvida entre os alunos?*

Yves de La Taille: Veja, pegue a questão de a Terra ser redonda e girar em torno do Sol. Agora a gente sabe que a Terra gira em torno do Sol. Só que, aqui entra a questão do ponto de vista, quando você acorda todo dia o que você vê? Vê o Sol girando em torno da Terra. Até que, um dia, alguém se perguntou: “Será que não é o contrário?”. O que move a vida é a curiosidade. Nós, há poucos dias, perdemos a Rita Lee, que era uma pessoa da pergunta, não das respostas. Alguém que mexe, você pode discordar das respostas que ela dá, mas dificilmente pode discordar das perguntas, das inquietações, no caso dela.

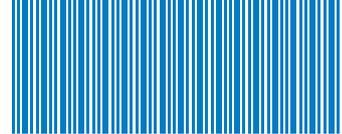
Veras: *Ou seja, um bom professor é aquele que traz as boas perguntas para os seus alunos, não as boas respostas?*



Yves de La Taille: Sim. E não precisa ser as perguntas dele, professor. No fundo, quem estuda faz isso. O que é o doutorado se não uma pergunta? Pós-doutorado é outra pergunta.

Veras: *O senhor comenta em um livro sobre a ética que ela estaria norteadada por uma pergunta: “Que vida eu quero viver?”. Pensando no nosso leitor, que é um professor ou estudioso da área da educação, como ele poderia encaminhar essa questão junto com seus alunos?*

Yves de La Taille: Existe uma coisa a ser dita anteriormente sobre isso. Existem essas duas palavras, moral e ética, que em geral são interpretadas como sinônimos, mas não necessariamente são. Costuma-se dizer que tal coisa é um problema moral e ético, tanto que muitos jornalistas e autores colocam “problema moral e ético” ao analisarem alguma questão. Mas é possível determinar diferenças, já que são dois conceitos diferentes, um vindo do latim e outro do grego. Pelo menos eu faço essa diferenciação. A moral é do campo normativo, do dever. “Não matarás”, isso é moral. Já a ética, tal como foi proposta por Aristóteles, se concentra nessa pergunta: “Que vida eu quero viver?”. E, logo, em outra: “Quem eu quero ser?”. Agora, não é essa a definição habitual de ética, a que existe nos códigos de ética, por exemplo, que é, mais ou menos, o seguinte: o que eu tenho que fazer, o que não posso fazer, está mais associado às proibições e às normas. Influenciado por [Paul] Ricoeur e outros filósofos, eu reservo à palavra moral seu sentido habitual, das proibições, obrigações, e a palavra ética para o sentido “que vida eu quero viver”. A minha tese, que está no meu livro *Moral e Ética*, é que as escolhas morais dependem das respostas dadas às questões “que vida eu quero viver” e “quem eu quero ser”. Trabalhar a ética é trabalhar a vida, é responder a essa pergunta: “Quem eu quero ser?”. Por isso, voltando à educação, ao se trabalhar a ética pode-se deparar com alguém que diga: “Eu quero ser muito rico”. Ótimo, ele tem toda a liberdade de querer ser muito rico. Mas aí entra a moral. A moral regula a ética. Ela vai dizer: cuidado, não pode ser de maneira desonesta, não pode ser com a vida dos outros, não pode ser com tráfico de drogas etc. Simplificando um pouco, porque aí a gente entrou em caminhos que dá para fazer várias teses. Os próprios Parâmetros falam um pouco disso, mas não o bastante. Mas eles apontam a necessidade de se trabalharem os dois aspectos, as questões morais e as questões éticas, como



sentido da vida. O que você entende por ser gente? Que significa ser uma pessoa como você quer ser? Inclusive aí podem se apresentar contradições.

Veras: *Para finalizar, o que vem chamando sua atenção, como autor?*

Yves de La Taille: Depois que eu me aposentei da USP, tenho me interessado cada vez mais pelo mundo da cultura. Publiquei um livro que se chama *Paisagens da dignidade na obra musical de Chico Buarque [Adonis, 2019]* e ali, por sinal, tem muita coisa sobre moral e ética. As letras de música podem ser muito bem trabalhadas pelo professor. A música “Geni e o Zepelin”, que fala “joga pedra na Geni”, por exemplo, é puro *bullying*. Ou “Cálice”, “Vai trabalhar, vagabundo” ... Principalmente no Ensino Médio, dá para trabalhar muitas questões éticas e morais a partir de canções.

